

A Bibliotheca Humine
Corte

1935
52
S.L.A.
ADONALDO

O ARTISTA

ASSIGNATURA

Por mez. 500 Rs.

PUBLICA-SE

Regularmente aos Domingos

ORÇÃO LITTERARIO, INDUSTRIOSO E ARTISTICO
DA PROVINCIA DE SANTA CATHARINA

Anno I Desterro -- Domingo 14 de Setembro de 1879 N. 40

O ARTISTA

Desterro, 14 de Setembro de 1897.

TREZ PALAVRAS

Recitadas pelo auctor na sala das sessões da sociedade musical Recreio Josephense.

Povo.

Trata-se hoje de solemnizar o anniversario da independencia do Brazil, e mal feito fôra que eu me deixasse ficar no silencio, quando é propicia a occasião para mais uma vez ratificar as minhas opiniões politicas ha trez annos manifestas.

Contribuo como um cidadão e como patriota para a presente festa, porque foi n'este dia que o Brazil tornou-se independente de Portugal.

Não porém que reconheça em que o dia 7 de Setembro symbolisa a liberdade de nossa cara Patria.

Se os portuguezes paralyzarão, tanto quanto puderão, os Colonos brazileiros; comprimirão-nos com suas leis tyrannas; prohibirão-lhes que formassem associações,—o Brazil independente de hoje, por intermedio de seus governos detestaveis, porque anti-igualitarios, tem impedido o povo de ler, de fallar, de escrever.

Infeliz daquelle que nas praças publicas pregar a verdade politica e religiosa que cedo ou tarde hade collocar nossa

Patria á testa dos movimentos progressivos da sociedade Americana.

Quando os patriotas republicanos organisavam nas trevas o plano de combate contra um systema de governo que nos aviltava, e hoje nos corrompe, a policia do rei invadia o domicilio dos cidadãos e não contente com os seus actos de selvageria, lançava-os em prisões immundas.

Os seus espiões disfarçados encarregavam-se de semear a intriga entre os patriotas, excitando odios e rancores, rivalidades e desconfianças.

Era o reinado da covardia enthronizada.

Por essas causas roularão no cadafalso tantas victimas illustres a quem se curvarião nações cultas, se a Monarchia brasileira fosse mais patriota e inscrevesse seus nomes em letras de ouro na fachada do Pantheon das glorias brasiliicas.

Correo o tempo.

Tratou-se mais uma vez da independencia do Brasil.

Foi um principe portuguez quem proclamou a independencia, como se necessario fora que um ambicioso estrangeiro, verdugo dos seus patricios, viesse substituir os heroes de 89 e 17.

E os brsileiros de então curvão-se: uns de boa fé; outros por interesse; muitos por mal entendi lo patriotismo.

Organisada a lei fundamental por um rei cioso de suas prerogativas magestáticas, tem o Brasil de caminhar por longo tempo na estrada tortuosa da desigualdade, causa das ambições, dos rou-

bos, dos assassinatos, dos adulterios e das infamias de toda a sorte.

Onde não ha Igualdade ha nobres e Plebeos; onde ha propriedade, ha opulentos e miseraveis; onde ha escravidão —ha oppressores e opprimidos.

Nesto caso acha-se actualmente a nossa Patria.

Manifestando-me desta fôrma, digo a verdade ao mesmo tempo que salvaguardo os meos foros de dignidade politica, afim de que ninguem supponha que o Communista Christão que vos dirige a palavra espera da monarchia os carnavalescos atavios, que despreza.

Rogando a Deus que se digne inspirar a todos os Brasileiros e Estrangeiros que entre nós rezidem, faço votos para que em breve desappareção do nosso paiz as discordias, intrigas e disturbios que os partidos engendrarão com o fim de realisarem suas aspirações inconfessaveis.

Povo, uni-vos e triumphareis: a verdade é uma só.

Viva a religião Christã.

Viva a Liberdade.

Viva a igualdade.

Viva a Fraternidade.

Viva a União dos Povos.

Viva a S. M. « Recreio Josephense.

S. José—Praia Comprida, Setembro de 1879.

Paulino de Albuquerque.

FOLHETIM 20

IR A ROMA E NÃO VER O PAPA

POR

ALEXANDRE DUMA

TRAD. DE M. PINHEIRO CHAGAS

—Ah! d'esta vez, disse o capitão, já sei onde estou. A esquerda! á esquerda!

A manobra indicada executou-se immediatamente.

A's quatro horas da manhã, atravessámos uma estrada real.

—Vamos, vamos, coragem! disse o Picardo, que me ouvia gemer, estamos

na estrada real de Sienna, d'aqui a hora e meia estamos em Chianciano.

Como pode imaginar não fizemos mais do que atravessar essa estrada real; procuravamos pouco os sitios frequentados. A uns milhares de passos d'alli, mettemo-nos na serra, e, como o Picardo dissera, d'ahi a hora e meia estavamos em Chianciano. O estalajadeiro recebeu-nos como se nos esperasse. Parece que eramos freguezes.

Caminhavamos havia doze horas; e, tanto quanto posso avaliar as distancias, parece-me que tinhamos andado vinte leguas.

Miraram-nos do cavallo a mim e ao violoncello.

—Parecia que eu era tambem de pau como o instrumento.

Os bandidos pediram almoço, eu pedi cama.

Levaram-me para um pequeno gabinete, que só tinha uma janella gradeada, e cuja porta deitava para a sala onde os bandidos iam almoçar; nem podia pensar em fugir; demais, ainda que o quizesse, era-me impossivel, estava moido como pimenta.

Ao despír os calções, ainda n'essa epoca se usavam calções,—que só usei-os até 1830,—ao despír os calções, lembrei-me do papel que a menina Rina me entregara, e de que eu me tinha esquecido durante a nossa viagem nocturna. Ainda que d'elle me lembrasse, os senhores bem vêem que me era impossivel lê-lo na escuridão.

Era um bilhetinho escripto a lapis e concebido nos seguintes termos;

« Meu caro senhor Louet.

« Apesar de grande desejo que tinha de saber o resto, parei.—Ora esta! disse

LITTERATURA

QUER-SE VER QUEM BEM ACABA

ROMANCE

POR

JOSÉ FRANCISCO PAZ

Offerecido a mocidade feminina da
Província de Santa Catharina.

Capitulo IX

TOMADA DE URUGUAYANA

Neste tempo surgiu a grande questão do Paraguay com o Brazil.

Francisco Solano Lopes, general paraguay, succedeo a seu pae na cadeira presidencial de sua patria e organisando um poderoso exercito, pediu explicações da conducta do governo brasileiro sobre a questão dos partidos orientaes blanco e colorado.

—Ou porque não fosse agradável a satisfação do Brazil ou porque mesmo elle quizesse immortalisar-se nas armas, ordenou à esquadra paraguay que fechasse os portos de sua republica ao Imperio.

Esta ordem foi executada promptamente sendo acompanhada da prisão do vapor mercante brasileiro—Marquez de Olinda—e seguida do ataque da esquadra paraguay a esquadra brasileira em terreno oriental no rio—Riachuelo—cujo resultado foi a mais completa victoria dos Brasileiros, e a gloria a fragata encouraçada—Amazonas,—e ao seu commandante o chefe Barrozo, hoje barão do Amazonas.

Longo seria narrar os debates dos gabinetes e a alliança que o Brazil fez com as republicas do Uruguay e Argentina.

Lopes logo depois da batalha naval do Riachuelo, expedia o coronel Estigarriba com 8000 homens afim de invadir a provincia do Rio Grande do Sul.

Cumprindo as ordens do dictador, Estigarriba, invadiu as cidades banhadas pelo Uruguay e nesse numero, a cidade de Uruguayana.

Era um lastimoso quadro !

As mães com os filhos ao collo, corrião para as mattas, outras morrião no

meio do fogo, outras matavão-se, outras erão prezas etc. etc.

Os homens vendo-se perdidos fugião para as cidades vizinhas e abandonavão a Uruguayana.

Neste numero contava-se um allenão.

Era Quelly !

Carolina era arrastada pelos invazores, cuspidá, escarnecida, ultrajada, rota, descalço, com os cabellos soltos, emfim em misero estado !

Quelly, mostrara que amava mais sua vida, do que a mulher com quem se casara, fugindo tambem em lastimoso estado para as mattas e abandonando sua esposa ao furor dos assaltantes.

Continúa

NOTICIARIO

Jornaes

Agradecemos às respectivas redacções a remessa dos seguintes Jornaes:

Conservador, Despertador, Regeneração, Municipio, A Verdade, Gazeta de Joinville, O Caxeiro, A Grinalda, O Iniciador, O Orbe, Nova Aurora, Jornal de Campos, Baixo Amazonas, Correio Commercial, Theophilo Ottoni, Echo do Paraná, Correio do Natal e o Nacional.

Chegada.— Temos o prazer de noticiar aos nossos leitores que chegou à esta capital, no paquete da córte, entrada à 8 do corrente mez, o nosso illustrado amigo sr. dr. José do Rego Rapozo.

Muito folgamos ao ver junto a nós um cavalheiro tão distincto, como medido abalisado, que conta numerosos amigos n'esta cidade, onde sempre tem deixado as mais gratas recordações.

A redacção do *Artista* e o seu editor—proprietario saudão à S. S. e lhe dirigem um sincero abraço.

Hymineu.— No sabbado, 6 do corrente mez, receberam-se em consorcio o nosso estimavel patricio e amigo sr. Henrique Silveira da Veiga, filho do sr. capitão João Narciso da Silveira, e a exma. sra. d. Maria Jesuina Refugio

filha do sr. tenente do exercito Pedro João Refugio, já fallecido, e sobrinha do nosso comprovinciano sr. Emilio Aleixo.

Fazemos ardentes votos ao céu para que os illustres contrahentes, que designarão para effectuar suas nupcias a vespera do grande dia nacional e a do outro dia, tambem mui notavel nos fastos da egreja, gozem por longos annos seu novo estado, com inalteravel saude e muitas felicidades, para prazer de seus parentes e amigos e de todos que lhes são dedicados e agradecidos.

—O dia 7 de Setembro na Praia Comprida.

Graças ao espirito animador do sr. Augusto Xavier de Souza, solemnizou-se o dia 7 de Setembro na Praia Comprida.

No dia 7 não houve tanta concurrencia, em razão do máo tempo; mas, em compensação, no dia 8 houve grande concurso de povo, graças a bellissima noite, verdadeiro contraste da antecedente,

Myriadas de estrellas no limpido céu, pareciam responder às luminarias do coreto e da frente da casa da sociedade R. Josephense.

O coreto era modesto, mas bello; verdadeiramente bello porque ahi mais se via a natureza do que a mão do homem: arcos de folhas entresachadas de bellas e odorosas flores; ao longo da casa da alludida sociedade via-se uma fila de coqueiros graciosos alternados com longos e altivos mastros, de cujos topes tremulavam bandeiras diversas, sobresahindo no centro o pendão brasileiro.

No dia 7 começou o festejo do modo seguinte:

Teve a palavra o professor W. Bueno (dentro do salão da sociedade, por causa da chuva,) discorrendo sobre o facto que recorda o dia 7 de Setembro. Não damos o resumo do referido discurso, porque vai ser publicado nesta folha.

Em seguida fallou o sr. Paulino de Albuquerque, que procurou harmonisar o 7 de Setembro com as suas idéas, como o verá os leitores no discurso que hoje publicamos.

Orou 2ª vez o referido professor, pronunciando algumas palavras em rela-

eu, a menina Rina, segundo parece, conhece-me. Feita esta reflexão, proseguí.

« Percebe que a sociedade em que estou não me agrada ao senhor; mas, para a deixar sem desastre, precisamos de ter prudencia, ainda mais que de resolução.

Espero que, chegada a occasião, o sr. Louet seberá mostrar-se a um tempo prudente e resolutu; eu mesma lhe darei o exemplo. Entretanto finja que não conhece.

« Desejaria restituir-lhe o seu diamante, porque vi que olhava muitas vezes para elle com inquietação; mas, como me é preciso para o nosso commum livramento, fico com elle.

« Adeus, meu caro senhor Louet, espero que ainda um dia nos tornaremos a encontrar, o senhor na orchestra e eu no palco do theatro de Marselha.

« P. S.—Engula o meu bilhete. »

Estava-me tudo explicado pela assignatura: era a Zephyrinassita que tivera tal exito que durante trez annos consecutivos fóra escripturado no theatro de Marselha. O sr. Mery não se pode lembrar d'ella, ainda era de certo muito novo.

Ora vejam como a gente se encontra ! Reli a carta, foi então que fiz reparo no *post-scriptum*:

« Engula o meu bilhete. » Era prudente, mas não era agradável. Comtudo resignei-me a fazer o que a menina Zephyrina me recommendava; adormeci mais tranquillo, sabendo que tinha uma pessoa amiga na quadrilha. Estava no melhor do meu somno quando senti que me sacudiam o braço.

Abri os olhos espirrando. Pareceu-me que já lhe disse ser este o mau modo de acordar. Era o tenente que tinha com-

—Alerta, alerta, dissc-me elle, os hussards estão em Montepulciano. D'aqui a um quarto de hora, partimos.

Saltei n'um pulo da cama abaixo e corri ao meu fato; ainda me assobiavam aos ouvidos aquellas malditas balas.

A primeira pessoa que me appareceu, apenas sai do gabinete, foi a menina Zephyrina. Parecia alegre como um pintasilgo. Admirei a força d'alma d'aquella menina e resolvi imital-a. Entretanto, para socegar, fiz-lhe signal com o dedo que engulira o bilhete. Sem duvida pensou que, se eu não tomara mais nada, não seria isso bastante para me sustentar, porque voltando-se toda risonha para o capitão.

—Tonino, disse ella, a nossa orchestra está-lhe a fazer signal que tem o estomago no mesmo estado que o violoncello cheio d'ar. Elle não terá tempo de comer alguma cousa ?

(Continúa)

ção á sociedade, ao promotor do festejo, o sr. Augusto Xavier de Souza, ao sr. João Schnaider, que foi o seu maior auxiliar, e a outros senhores que cooperaram para a referida festa. Concluiu levantando os seguintes vivas:—Viva o sr. Augusto Xavier de Souza! Viva o sr. João Schnaider! Vivam todos os que cooperaram para esta solemniaidade! Viva a distincta sociedade *Recreio Josephense*!

Em seguida tocou-se o hymno da sociedade.

Orou, depois, o sr. Paulino, dizendo algumas palavras relativamente á sociedade. Tocou-se, de novo, o hymno referido.

Fallou pela 3ª vez o alludido sr. fazendo considerações sobre o elemento servil e lamentando o atrazo do paiz, concluindo, levantou vivas aos escravos, á liberdade, igualdade e fraternidade.

Depois, orou, tambem, pela 3ª vez o professor W. B., a pedido do orador precedente, reputando algumas proposições do seu amigo Paulino. Disse que, com quanto concorde com o seu amigo que ha realmente mazellas no nosso paiz, não ha duvidar que o 7 de Setembro symbolisa um grande passo para o progresso; disse mais que nos tempos coloniaes immolava-se um cidadão na praça publica por tentar romper as cadeias que lhe estreitavam os filhos! Hoje pôde o cidadão sustentar livremente as suas ideias! Disse mais que quanto á escravidão, não ha duvida, tambem, que o Brazil pôde-se ufanar de ter dado já um grande passo para o progresso: o elemento servil está morto em sua fon-

te. Concluindo, levantou vivas aos escravos, ao Visconde do Rio Branco, á liberdade e á independencia.

Em seguida tocou-se, de novo, o hymno da independencia.

No dia 8 o professor W. Bueno reproduziu (a pedido) o seu primeiro discurso do dia 7, com leves alterações, tocando-se em seguida o hymno da independencia. Terminou-se o festejo com uma breve allocução feita pelo referido professor com respeito á sociedade R. J., que, em seguida, tocou o seu hymno.

Eis como solemnisou-se o 7 de Setembro de 1879, que deixou-nos gratas recordações.

Apezar da copioza chuva que fortemente cahiu durante o dia e noite de 7 do corrente, a Companhia dramatica do sr. Ribeiro Guimarães, depois de cantar o *Hymno da Independencia* e dos vivas levantados pelo Exm. sr. Dr. Presidente da Provincia, representou o drama de origem franceza «A Virgem do Mosteiro» cujo merito, a nosso ver, cifra-se no seo pomposo titulo. A representação correu bastante desanimada, concorrendo para isso a ignorancia que os actores revellaram de seus papeis, e o nenhum valor de uma peça completamente despida de scenas attrahentes e bem enredadas e que nada tem de imprevisito, pois basta ver-se o primeiro acto para advinhar-se o desenlace do drama. O espectáculo desagradou como era de esperar e mais desagradou ainda ao nosso publico um acto de insigne grosseria praticado por um espectador descontente, e que teve geral

reprovação. Refrimo-nos ao incidente de terem jogado sobre o collo de D. Anna Chaves uma moeda de cobre, no quinto acto. Semelhante procedimento, acompanhado da circumstancia de ser esse dia o anniversario de nossa independencia, sagrado para todos os brasileiros, é digno da mais alta censura; pois se algum merecia pateada, sem duvida alguma que não era essa excellente actriz, unica que satisfatoriamente estava representando o seo papel.

Felizmente, o nosso publico teve o seo desagravo por meio de um nosso amigo e distincto patriocio que findo o drama, fez ver ao sr. Guimarães o sentimento que acompanhava a sociedade presente por semelhante acto de selvageria e que ella não se tornára solidaria com esse brutal individuo.

—Se no dia 7 o publico deixou o theatro sufficientemente enfadado, pela má representação do drama e a circumstancia que narrámos, outro tanto não poderemos dizer do espectáculo do dia 8, que, sem contestação foi o melhor desta companhia. O drama Fé, Esperança e Caridade, está acima de todo e qualquer elogio.

So diremos que o seu desempenho foi tal que um verdadeiro entusiasmo se apoderou do publico e as saudações aos artistas chegarão ao delirio. Foi um verdadeiro triumpho para essa companhia a representação desse drama.

—Nesse mesmo dia o club 12 de Agosto reuniu nos seus salões uma brilhante sociedade, onde reinou a maior anima-

Jaques Clemente ter-se-hia entregado a oração.

Todos esperavão. Approximava-se o momento. Derepente ouviu-se uma badalada de sino. Claudio disse:

—Vão dar as horas.

Então levantou-se, atravessou gravemente uma parte da sala, e foi encostar-se sobre o angulo do primeiro banco da esquerda, logo ao lado da porta de entrada. Seo rosto estava completamente sereno e benevolo.

Derão nove horas. A porta abriu-se. O director entrou.

N'aquelle momento fez-se na officina um silencio de estatuas.

O director achava-se só como de costume.

Entrou com seo rosto jovial, satisfeito e inexoravel, não vio Claudio que estava em pé a esquerda da porta, com a mão direita escondida nas calças, e passou rapidamente pelos primeiros bancos, meneando a cabeça, mastigando suas palavras e lançando aqui e acolá seo olhar banal, sem perceber que todos os olhos que o cercavão estavam fixos sobre uma ideia terrivel.

Derepente virou-se bruscamente, sorprendido de ouvir passos atraz de si.

Era Claudio que o seguia em silencio havia alguns instantes.

—O que fazes tu ahi? disse o director; porque não estás no teu logar?

Porque um homem alli não é mais homem, é um cão, tratão-no por tu.

Claudio respondeu respeitosaemente:

não comprando senão pão com o pouco que ganho, não teria o sufficiente. Albino repartia comigo a sua ração; amei-o a principio porque me sustentou, depois porque me amou. O director, o sr. D., nos separou. Nenhum mal lhe fazia que nós estivéssemos juntos; mas é um homem malvado que gosta de atormentar. Pedi-lhe que me restituísse o Albino. Vós o vistes, elle não o quiz. Dei-lhe até o dia 4 de Novembro para me entregar o Albino. Mandou-me metter no calabouço por ter dito isto. Eu, durante este tempo, julguei-o e condemnei-o á morte: (1) estamos a 4 de Novembro. Elle ha de vir dentro de duas horas dar o seu gyro. Vos previno que vou matal-o. Tendes alguma coisa que dizer a isto?

Todos guardaram silencio.

Claudio continuou. Fallou, ao que parece, com uma eloquencia singular, que aliás lhe era natural. Declarou que bem sabia que ia praticar uma acção violenta, mas que não suppunha não ter razão. Tomou por testemunha a consciencia dos oitenta e um ladrões que o escutavão:

Que elle estava n'uma rude extremidade;

Que a necessidade de se fazer justiça pelas proprias mãos era um beco sem sahida em que uma pessoa se achava mettida algumas vezes;

Que em verdade não podia tirar a vida do director sem dar á propria, mas que achava bom dar a sua vida por uma coisa justa;

Que tinha reflectido maduramente, e só sobre, isto, durante dous mezes;

ção até às 4 horas da manhã. Era a sua partida deste mez.

Parece-nos que bem poucas reuniões temos alli assistido que se possam comparar a essa, pelo seu brilhantissimo e profunda harmonia que a distinguia.

Honra, pois á esse Club.

VARIETADE

Morta viva ou morta bem morta.

Um Marido, tendo morrido sua mulher, depois de ter derramado copiosas lagrimas, mandou dobrar todos os sinos, e dar esta triste noticia a seus parentes e amigos.

A' noite, estando elle guardando sua cara metade, que jazia estendida sobre uma esteira tendo aos lados quatro castiças de pão com velas acêzas, eis que ella senta-se rapidamente, dando um forte suspiro.

—Ai ! Jesus !

—Que é isso lá ? exclamou o marido sobresaltado.

—Acordei, disse a pobre mulher, e sonhava taes cousas feias..

—Acordou ! como ! Pois a senhora não morreu ?

—Eu estava dormindo...

—Qual dormindo ! a senhora morreu estava morta, e bem morta, tanto que ja mandei dobrar os sinos e participar ao amigos...

—Mas o sr. está vendo que estou viva.

—Viva ! viva ! interrompeo o marido.

Oh ! sempre a senhora ha-de andar de encontro á tudo que eu faço; até depois de morta ! quer agora deixar-me mentiroso ? quer que eu appareça amanhã com cara de cão ? tenha paciencia.... e arrumou-lhe com um castiçal na cabeça.

A pobre mulher não acordou mais.

(Ext.)

ANNUNCIOS

9 DE AGOSTO

Previno aos srs. socios, que Domingo 21 do corrente mez, ás 11 1/2 horas da manhã haverá sessão para admissão de socios.

O Secretario

Luiz P. Neves.

ATENÇÃO !

Pedimos aos nossos assignantes, de mandarem satisfazer nesta typographia as suas assignaturas, que se acham atrazadas.

ADVOGACIA

Dr. João Muniz Cordeiro Tatagiba,
com Escriptorio de advocacia
e de negocios Administrativos.

Rua da Prainha N. 130

RIO DE JANEIRO

AULA NOCTURNA DE DEZENHO

Acha-se aberto este estabelecimento todos os dias uteis das 3 ás 5 horas da tarde e das 6 ás 9 da noite.

Manoel F. das Oliveiras.

Typ. e Lith. de Alex. Margarida.
28 Rua de João Finto 28

Que elle estava convencido que não se deixava levar pelo resentimento, mas que dado o caso que assim fosse, supplicava que o advertissem d'isso;

Que submettia lealmente suas razões aos homens justos que o executavão;

Que ia pois matar o sr. D., mas que si alguém tinha alguma objecção a fazer-lhe, estavar prompto a ouvi-lo.

Uma voz apenas levantou-se e disse que antes de matar o director, Claudio devia tentar uma ultima vez fallar-lhe e fazel-e ceder.

—E' justo ! disse Claudio, fal-o-hei.

Oito horas soaram no grande relógio. O director devia vir ás nove.

Desde que esse estranho tribunal de cassação rati ficou de certo modo a sentença que elle tinha dado, Claudio readquerio toda a sua serenidade. Poz sobre uma meza tudo o que possuia em roupa branca e vestuario, pobre espolio do preso, e chamando um apoz outro os companheiros que mais estimara depois de Albino, distribuiu-lhes tudo. Não guardou senão a thesourinha.

Depois abraçou-os a todos. Alguns choravam; elle sorria-se para estes.

Houve, nesta ultima hora, momentos em que conservou com tanta tranquillidade e mesmo jovialidade, que muitos de seus camaradas esperavão interiormente, como depois declararam, que elle abandonasse talvez a sua resolução. Até divertio-se uma vez em pagar uma das raras velas, que alumiam a officina, com o sopro de suas ventas; porque tinha

mãos habitos de educação que prejudicavão a sua dignidade natural mais vezes do que conviria. Nada podia fazer com que este antigo garoto das ruas deixasse de ter as vezes o cheiro da lama de Pariz.

Elle divisou um jovem condemnado que estava pallido, não despregava delle os olhos e tremia, sem duvida na expectativa do que ia ver.

—Vamos, animo moço ! disse-lhe Claudio docemente, será apenas negocio de um instante.

Quando acabou de distribuir todos os seus andraxes, de dizer os seus adeuses, de apertar todas as mãos, elle interrompeo algumas conversações inquietas que tinham logar aqui e alli pelos cantos da officina e mandou que de novo se entregassem ao trabalho. Todos obedeceram em silencio.

A officina em que isto se passava, era uma sala oblonga, um comprido parallelogramma com janelas abertas sobre seus dois grandes lados e duas portas confrontes nas duas extremidades. Os bancos de trabalho achavão-se enfileirados de cada lado perto das janellas tocando as paredes em angulo recto, e o espaço livre entre as duas fileiras formava uma especie de corredor comprido que ia em linha recta de uma das duas portas á outra e atravessava assim toda a sala. Era este comprido corredor assaz estreito que o director tinha que percorrer fazendo a sua inspecção; devia entrar pela porta do sul e sair pela do norte, depois de ter olhado para os trabalhadores da direita e da esquerda. Ordinariamente fazia este trajecto com bastante rapidez e sem parar.

Claudio tinha ido tambem collocar-se no seu banco e se entregára de novo ao trabalho, como